

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 866
 GUIMARÃES, 6 de Setembro - 1948
 Red. e Adm., R. da Rainha, 66-A. Tel. 4310
 Comp. e Imp., Miserra Vimaranes. Tel. 4177
 Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

O «New Look» da Moda

As principais casas da alta-costura parisiense já apresentaram as suas colecções. Qual é o «New Look» desta estação?

Sensivelmente o mesmo que o do ano da revolução: 1947. No entanto, há certas modificações:

— Casaco Watteau com rodadas nas costas.

— Cinta mais alta, quase que sob o seio.

— Vestido só com escapulário, como os dos bebés.

— Roda toda atrás.

— Casacos compridos, em tafetá, faille e cetim.

— Bordados a soutache e galões antigos.

E a altura da saia?

Mantém-se ou antes, parece até que sobe um bocadinho: a 30 cm. do chão.

Vejamos alguns criadores:

BALenciAGA

Casacos muito amplos, em godets com gola-chale em tecido diferente. Em reversível para desporto e faille ou cetim para cerimónia. Tailleur com cinta marcada e aba rodada; atrás um pano liso e solto. Os vestidos de noite adoptam a linha Império, com a cinta alta, muito Joséphine. Sapatos de bailarina, com salto baixo.

PIERRE BALMAIN

Linha Oriental com saris hindus, decotes persas, chapéus chineses. Jaquetas curtas com abas encanudadas. De frente, a silhueta é estreita; para trás alarga com plissados ou enfiados. A roda dos casacos parte das omoplatas. Muita pantera, em guarnição e também nos regalos e nos barretes que se enterram na cabeça. Os saris são marginados a pele, que podem ser: chinchilha, vison, castor.

ROBERT FIGUET

Linha Directório. Linha Império. A cinta é subida por meio de boleros e corselets incrustados. Poucos cintos. Nos casacos, a roda parte do espelho. Gola incroyable, bastante subida e com bicos. Jaquetas curtas, mais compridas atrás. Botões dourados como os dos marechais do Império.

NINA RICCI

Merveilleuse é um vestido Directório, para noite com o decote bem aberto e todo enfeitado com um plissado de tafetá. Usa-se com longa capa de veludo azul-ago. Algum escocês em saias. Túnica com barras de astracã. Saias subindo muito, de modo que a blusa parece a parte superior de um vestido. Algumas saias estreitas mas as largas é que predominam. Para jantar: veludo guarnecido a guipure e para noite: musselina branca e galão dourado.

Aurora Jardim.

Na Penha

(Apontamentos rimados).

Sete horas da manhã. Eu cá estou
 No lugar predilecto, do costume...
 Mas já primeiro o sol se levantou
 E ergue fugareus naquele cume.

A passarada em grossa discussão
 Do arvoredo faz seu parlamento...
 E aquele melro negro, o figurão,
 Na presidência escuta, a briga, atento...

Há zunidos de insectos nas alturas,
 Um sardão anafado espreita o sol...
 Muitos coelhos fogem para as luras,
 Despede-se de mim um rouxinol.

As horas que aqui passo só eu sei
 O que me fazem bem a este mal!...
 O ar aqui é livre, não tem lei,
 E' uma prisão sem grades, natural...

Não chega aqui o hálito dos maus
 E nem se ouvem os passos da mentira...
 Aqui é tudo são, tudo calhaus,
 Aqui ninguém protesta, nem conspira...

Sem pesadelos pega-se no sono,
 Por travesseiro a relva, o feno, o mato...
 ...Um merendeiro, atrás do Pio-Nono,
 O que ele sabe bem, com bom pingato!...

PENHA, Julho de 1948.

DELFIN DE GUIMARÃES.

PENUMBRAS

Ricardo Fernandes com seus 25 anos feitos era pouco conhecido pelos seus conterrâneos apesar de ter vivido sempre num meio pequeno como este.

Não frequentava cafés nem teatros, aborrecia festas e romarias e raras vezes passeava pelas ruas da cidade. Era como um estranho na sua própria terra.

De vez em quando em certos dias, quase sem ser notado, pelas traseiras de sua casa, através dos quintais, ia ao atelier do seu amigo o pintor Brandão, com quem gostava de conversar sobre arte. Excepcionalmente dava com ele passeios pelos arredores da cidade onde parecia procurar interessantes motivos para divagações filosóficas que o seu amigo escutava com agrado e admiração. Solitário introvertido um tanto esquisoide, passava a maior parte do tempo em casa, no quarto de dormir, seu refúgio feliz, povoado de livros de recordações e de sonhos. A amálgama de objetos manuscritos e livros predilectos que enchiam por completo a sua velha e enorme secretária era bem conhecida e escrupulosamente respeitada por sua irmã Clotilde durante os matinais arromos diários.

Ninguém mais lá podia entrar. Ricardo estava tão habituado àquela confusão que encontrava tudo aquilo que precisava com a mesma rapidez automática com que um hábil pianista arranca as notas desejadas de um teclado. Se às vezes qualquer coisa era desviada do lugar costumado, chamava irritado pela irmã e de olhos cerrados e braço estendido apontando o local vazio, dizia simplesmente com acura e severidade: tudo desarrumado!

Clotilde acorria solícita, aflixa e silenciosamente dava uma vista de olhos rápida e profunda por todo aquele aglomerado e quase sempre em poucos momentos, com a mesma pericia de um jogador de Xadrez que conhece bem todos os lances e segredos do jogo, lá ia descobrir o objecto reclamado. Clotilde sentia-se orgulhosa e feliz em participar desta maneira na vida de seu irmão.

Aquela emaranhada mistura de papéis, livros e objectos devia ter sempre para o aguçado e exigente tino de Clotilde a mesma configuração, as mesmas relações, os mesmos pontos de referência da sua permanente e inalterável fantasia compulsória.

Na ausência do irmão rebuscava e esquadrihava tudo com o ansioso propósito de conhecer todas as suas ideias, desejos e intenções, lendo com avidéz e um entusiasmo de exagerada admiração por ele todos os escritos cheios de emendas e entrelinhas, às vezes só capazes de serem decifrados pela sua obstinada paciência e apaixonado interesse, que lhe davam com o velado mistério de uma dúbida compreensão o inefável prazer de aflorar um mundo desconhecido.

E quando fora das horas habituais tinha de entrar no quarto do irmão, fazia-o com tão meticoloso cuidado que o seu corpo esguio, mais alongado ainda pela cautelosa elevação nos

silenciosos bicos dos pés, desliza espectacularmente como uma sombra filiforme. Ela bem sabia como Ricardo exigia silêncio, especialmente quando lia ou escrevia. Para Ricardo e Clotilde aquele quarto e aquela secretária eram como um corpo que tinha a sua estrutura, a sua organização e até a sua idade própria, pois iam progressivamente testemunhando todas as fases das suas vidas com recordações como marcos ao longo da estrada. A infância estava ali muito bem representada por bem conservados brinquedos. Foram sempre usados com tanto cuidado e amoroso desvelo que ainda hoje pareciam novos, apesar de tantos anos passados.

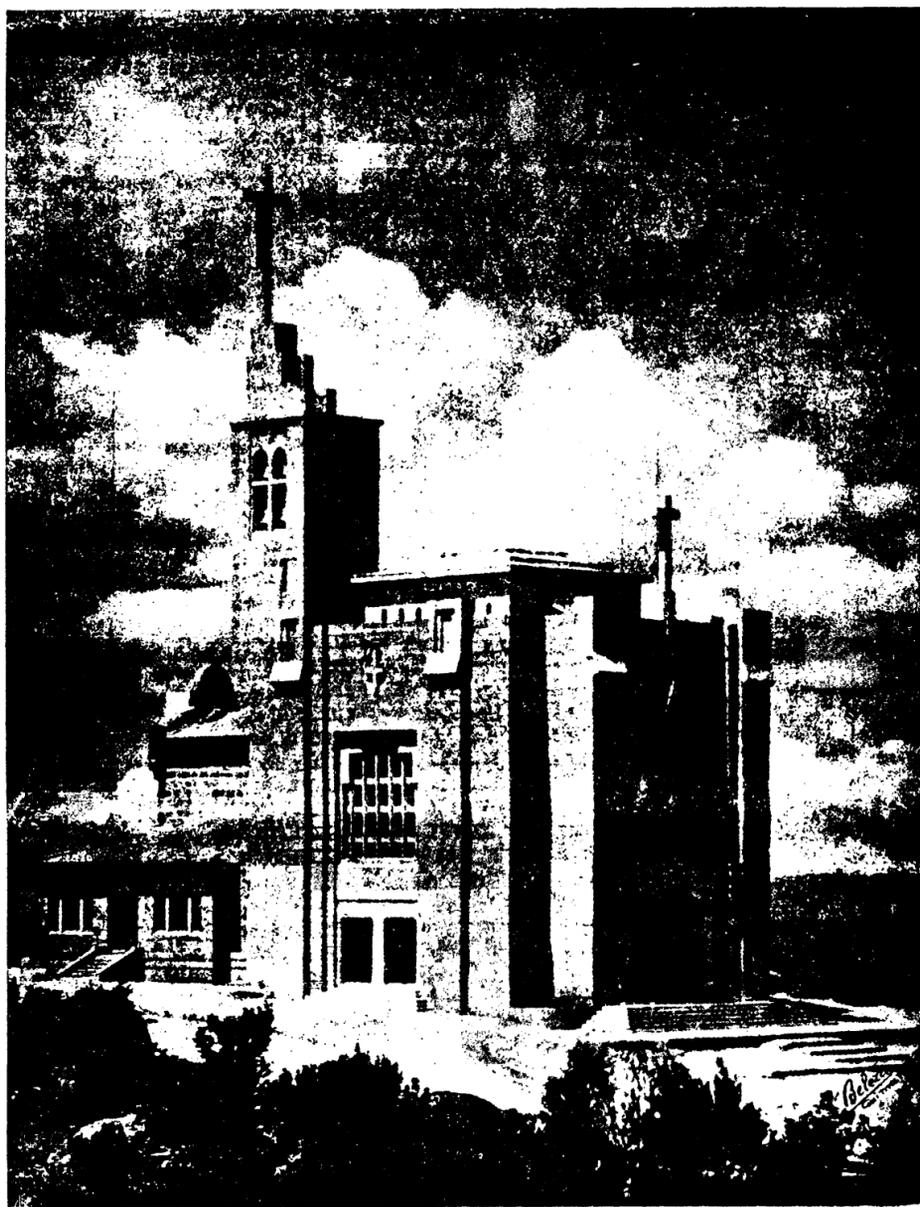
Clotilde, porém, apesar de mais velha alguns anos, nunca compartilhou deles, habituando-se desde bem cedo ao bservá-los a distância, triste e resignada, contentando-se muito raras vezes com o fugidivo prazer de os tocar ou sfagar às escondidas.

Clotilde ficou sempre assim através de toda a sua vida: medrou, passiva, humilde, e sômente apressada em satisfazer os mais pequenos desejos e caprichos do irmão. Na escola, Ricardo foi sempre diferente de todos, não brincando com ninguém e fugindo dos companheiros mais atrevidos e foliões. Brandão foi desde aí o seu único companheiro. Arguto, aprendia tudo com tanta facilidade que foi sempre o melhor aluno em todas as classes. Algumas vezes animado por um insaciável e paciente espirito de observação postava-se horas seguidas junto dos aquários espreitando curioso os peixes, esses estúpidos vertebrados que pairam, sobem, descem e giram sem nexo como lançadeltras caprichosas e aladas tecendo arabescos a três dimensões.

Só depois de muito aturdiço pela inconsequência de tais movimentos e confundido e intrigado pelo seu peritico e inexplicável mastigar é que fugia insatisfeito e irritado, zigzagueando nervosa correria, abrindo e fechando também a sua boca ineficaz, batendo por fim os dentes com raiva incontrolada. Nunca gostou desses inexpressivos animais e ainda hoje mesmo ao comê-los com agrado, sente desejos preveros de os morder. Outras vezes levado por ocultos sentimentos agressivos e destruidores aproximava-se com risco por vezes fatal dos aromáticos e engelhados cortiços de abelhas, desafiando a vingança dos seus temidos habitantes ao perturbar-lhes com sádico prazer o caseiro e ali gerado aterrar de belas polinas coloridas. Outras vezes ainda ao sentir-se dominado por inexplicável cansaço estirava-se no solo com moleza à beira dos formigueiros e adormecia o olhar e o espirito na calma monótona do infundável vai-vem de formigas como em roldana fixa. Tinha confitos interiores que o tornavam indeciso, tímido e incompreensivelmente desobediente. Seus pais não tinham muito com ele e nem sequer o reprimiam porque tinham a arreigada e bem funda convicção de que o pequeno não iria longe.

De noite, ou não podia dormir ou

No domingo realiza-se a Grande Peregrinação à VIRGEM DA PENHA



Na forma dos anos anteriores e com grande imponência, realiza-se já no próximo domingo, dia 12, a Grande Peregrinação Anual do Concelho de Guimarães, à Penha, que é sem dúvida uma das maiores manifestações de fé a que nos é dado assistir.

A Peregrinação deste ano é presidida por S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, que subirá, a pé, com os peregrinos, toda a encosta da Penha.

O novo Prelado, que durante anos e anos tanto trabalhou pelo engrandecimento destas Jornadas, acompanhará, mais uma vez, os peregrinos, resando com eles e com eles entoando fervorosos cânticos em honra e louvor de Nossa Senhora.

O programa da Grande Peregrinação é o seguinte:

A's 8 horas — Far-se-á a concentração no Campo da Feira e às 9 horas em ponto, após a Bênção aos Peregrinos, dada pelo Ex.º Prelado, seguirá a grandiosa Peregrinação pela Rua de S. Dâmaso, Largo 28 de Maio, Toural, Rua de Santo António, Rua de Serpa Pinto e Estrada da Penha, por Belos Ares, onde se associarão numerosos peregrinos das freguesias do norte de Guimarães e concelhos de Fafe e Felgueiras.

A's 10,30 horas — Deve estar o imponente cortejo em Belos Ares e às 12 horas no cimo da Penha, onde haverá Missa Campal e Allocução pelo Venerando Prelado, que seguidamente dará a Bênção a todos os Peregrinos.

A's 16 horas — Terá lugar a recitação do Terço, seguida de Procissão Eucarística, sendo, após esta, lançada, da varanda do Santuário, à cidade e concelho, a Bênção do Santíssimo Sacramento.

acordava muitas vezes sobressaltado com sonhos aflitos e então fugia a chorar para a cama da irmã que o acarinhava e sosegava.

Durante a puberdade muitas vezes no período de transição entre a vigília e o sono tinha formosas alucinações visuais que depois descrevia à irmã com admirável realismo e precisão. A amizade entre os dois foi crescendo com mútua admiração. Apesar de trocarem poucas palavras entre si, eram todavia suficientes porque Clotilde parecia adivinhar-lhe todas as vontades num simples esboço de movimentos dos olhos ou de qualquer gesto. Ricardo por seu lado era também sempre igual, sempre regular no desfiar dos seus monótonos dias. Clotilde não precisava de reparar nas horas, pois podia conhecê-las muito

Continua na 3.ª página.

I. V. C.

Fins de Verão

Em breve findará o verão. Já o outono nos espreita, na ânsia de dominar, de exhibir a sua luz, a sua cor. E assim como as estações se sucedem vertiginosamente, como quem tem urgência de aparecer e desaparecer com a rapidez do relâmpago, os homens passam, as coisas passam e tudo tem o seu fim, previsto e fatalmente realizado, sem que seja possível a menor modificação na execução dum programa que está estabelecido e há-de rigorosamente cumprir-se.

Nenhum fatalismo excede este fatalismo. Ele só é tudo. E' um itinerário inalterável, cruelmente inalterável.

E se nos evadíssemos para lugar onde ninguém pudesse chegar?... — Tola alternativa. O resultado final seria o mesmo.

Semelhantermente, também os velhos se vão distanciando dos novos porque estes, em regra, sentem repugnância pelos modos de ver daqueles e querem toda a liberdade de acção afim de poderem agir no sentido

Aguas passadas...

Para a história de alguns edificios escolares

Vimos em o número anterior, como sem ajuda do Município, pela iniciativa de uma instituição quase anónima (S.D.P.G.), se fez um belo edificio escolar, em Belos-Ares.

Acrescentarei, apenas: Esta escola nova não foi, como é da praxe, festivamente inaugurada. Os seus precusores, não tiveram, por tal motivo, os louvores discursivos. E os «vivas», e o coral das crianças, não levou a eco dos seus nomes. Recordemos, contudo, alguns cidadãos beneméritos: António Ribeiro, da Várzea, que deu o terreno; Gaspar Lopes Martins, que nos mandou do Brasil oito mil escudos; e seu pai, que fez tudo quanto

que melhor lhes parecer. A experiência já não tem valor. Os cabelos brancos já não impõem respeito aos que, irrequietamente, pretendem abrir caminho, lançando mão de todos os meios, para afoitamento, desvanecidamente, marcarem a sua posição.

Ergue-se em favor da velhice só uma ou outra voz. Mas é certo que já se fala numa «Carta da Velhice», no intuito de proteje-la dos ataques que determinada parte da mocidade, destituída de exacta noção das coisas, lhe move impiedosamente. E embora esses ataques sejam como que rugidos de feras, que não compreendem os deveres de sociabilidade e humanitariedade para com os velhos, a verdade é que magoam atrocemente a sensibilidade e cobrem de vergonha quem comete tais afrontas.

Vamos, pois, assistir à extinção de mais este verão, que, segundo se afirma, não nos legará a abundância de que carecemos até que volte novo fim dessa quadra.

E não alcançarmos o necessário no tempo presente, coisa é que nos mostra um futuro temeroso e super-inclemente. Vivemos, desde há anos, uma vida repleta de incertezas. Dir-se-ia que estamos condenados a manter uma luta infundável com elementos de vária espécie.

Caminhamos sobre brasas. E se se pretende debelar o mal com medidas de aparente eficácia, logo ele prospera.

Não há equilíbrio. A balança não se mantém firme no lugar indicativo da proporção, exprimindo assim que está estabelecida harmonia, segurança, estabilidade.

Só nos resta o suave esplendor desta luz estival prestes a apagar-se.

E com que saudade nos despedimos dela para entrarmos em nova estação que, quem sabe?, pode trazer-nos bem piores dias!

A saúde, que é a felicidade, firma-se no tempo, e o tempo melhor, aquele que pode garantir-nos o bem-estar físico, é o que decorre durante a estação calmosa. O verão é a vida, com todos os atractivos que lhe são peculiares.

Mas era indispensável a variedade. Aquilo que reputamos mau, nem sempre é inútil. Serve, pelo menos, para alicerçar o belo duma obra que nos será utilíssima.

Vamos assim descendo, lenta ou apressadamente, a curta ladeira da vida, não sem que nos incomodem, de quando em vez, terríveis solavancos, como que para não gozarmos completo descanso antes de tocarmos o seu termo.

Revejamos, nesta forçada despedida, a luz suavíssima do verão que finda, e tenhamos bem presente que ela deu alento e mostras de vitalidade a muito doente que, em breve, desejará ardentemente que essa luz regresse para lhe dar a doce ilusão de que ainda viverá durante muito tempo.

R.

pôde, para ser um facto, a construção da escola.

Acabado este empreendimento, derivamos para outra freguesia.

Creixomil. Andámos ali pelo braço de Joaquim Almeida Guimarães, para obter terreno destinado à escola. D. José Ferrão oferecia-nos esse terreno, no monte da Senhora da Luz. Veio o engenheiro dos Edifícios Nacionais, viu, mediu. E recusou a aprovação. Por mais esforços que se empregassem, não foi possível mudar para melhor.

Pelo que, houvessem de pedir — fosse transferido para o Pevidém o subsídio votado para Creixomil.

No Pevidém — onde a nossa actuação foi surpresa agradável, por não solicitada — já havia trabalhos começados para a construção de uma escola — trabalhos começados, há muito, mas em estagnação.

O terreno já era propriedade da Junta de Freguesia. A planta do edificio — para dois salões — lá estava, à espera dos construtores.

Foi o subsídio que a nossa iniciativa lhes levou, e os demais esforços que se seguiram, os propulsores da obra. Construídos os dois salões da planta inicial (arquitecto Ferreira) seguiram-se mais dois, já em novo regime administrativo.

*

Entretanto, a Costa e Azurém, precisavam de edificios escolares. Pediram-se os subsídios ao Estado. Foram votados esses subsídios.

Testemunho de quanto mais e melhor não teria sido realizado em tal período, se fosse o Município quem promovesse um movimento desta ordem no plano de construções escolares no concelho.

Simplemente a conquista de terreno para a escola da Costa, foi caso bocado. A primeira investida, apoiamo-nos ao braço de Jerónimo Sampaio. Na segunda tentativa, esse apoio foi-nos oferecido, com a proverbial gentileza, por António José Pereira de Lima. Tão fundo desejo era o deste meu bom amigo que tinha posto o dilema para si: — oferecido, ou pago do meu bolso, o terreno há-de arranjar-se!

Pois não se arranjou, por obstinada teima do seu proprietário. E, no parecer do engenheiro dos Edifícios Nacionais, só o terreno do tal cavalheiro obstinado, estava nas condições de servir.

Tempos haviam passado. O Ministro Sr. Dr. João Antunes Guimarães deixava o seu lugar. Novo processo foi estabelecido para concessão de subsídios. Entrava-se no regime das participações.

Isto é: Para que fossem concedidos quaisquer subsídios destinados a construções escolares, ou outras obras de interesse público, era necessário fazer face aos mesmos com percentagens consignadas na lei. Tudo, para nós, mudava. O período das vacas gordas, aquele em que o Município vimaranense podia ter a sua *maré de carvoeiro*, se a soubesse aproveitar, acabava. A saída do nosso conterrâneo do Ministério e a nova lei decretada, dificultou a tarefa das construções escolares para nós, especialmente, que actuávamos em nome de uma instituição quase anónima e sem cofre, para tais cometimentos.

Não querendo, porém, ver perder-se o subsídio do Estado alcançado para a escola da Costa, dirigimo-nos à Vereação. Ali, em plena sessão, pusemos o problema:

Tínhamos terreno e um subsídio para se construir uma escola na freguesia de Azurém. A nova lei ministerial impedia-nos de prosseguir na iniciativa, por

Tomou posse

o novo Director das Oficinas de S. José

Na passada terça-feira, pelas 18 horas, tomou posse do lugar de Director das Oficinas de S. José, desta cidade, em substituição do Rev.^{mo} Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, que fundou aquela modelar Instituição e foi seu incansável orientador durante 33 anos consecutivos, o Rev.^{mo} António Alberto Ribeiro, sacerdote exemplar que durante alguns anos pastoreou, com inextinguível zelo, a freguesia de Silveiras, deste concelho.

Ao acto assistiram bastantes pessoas — componentes da actual Comissão Administrativa das Oficinas e de comissões antigas, assim como alguns amigos pessoais do novo director e os rapaziños internados.

Lembra-nos ter visto entre a assistência os Srs. Comendador P.^o Augusto Borges de Sá, Dr. Carlos Saraiva, José Mendes Ribeiro Júnior e António Vaz Vieira, componentes da actual C. A.; José da Costa Santos Vaz Vieira, José Gilberto Pereira, Joaquim de Sousa Pinto, Domingos Mendes Fernandes, que também representava seu cunhado o Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, Manuel Pereira Mendes, José da Silva Gonçalves, Casimiro Martins Fernandes, P.^o Luis Gonzaga da Fonseca, P.^o Ferraz, em representação do Reitor do Seminário da Costa; P.^o Figueiredo, Alfredo Guimarães, Director do Museu Alberto Sampaio; Alberto Costa, Francisco de Almeida, Luis Gonzaga Pereira, João de Deus Pereira, Antonino Dias de Castro, etc., etc.

A sessão de posse presidiu o Rev.^{mo} Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, que agradeceu a todos os presentes a sua comparência, e teve também para as pessoas ausentes, que ali se encontravam em espírito, palavras de admiração. O Prelado fez breves considerações à volta das Oficinas de S. José e da orientação que deve ser dada a Casas de Assistência e seguidamente referiu-se ao novo Director, Rev.^{mo} António Alberto Ribeiro, enal-

tecedendo a sua acção de pároco. Felicita-se pela successão que considera magnífica, afirmando que não podia ficar em melhores mãos o governo daquela Casa. Com saudade, embora, mas com alegria imensa, transmite os poderes ao novo Director, a quem abraça, em nome de todos os rapaziños das suas queridas Oficinas de S. José.

O Rev. Comendador Augusto Borges de Sá, em nome da Comissão Administrativa das Oficinas, congratula-se com a escolha feita para a direcção interna daquela Casa e afirma ao novo Director a colaboração franca e leal da Comissão a que preside.

Por último o Rev. António A. Ribeiro agradece as palavras que lhe foram dirigidas e, visivelmente emocionado, afirma:

— Aqui estou para desempenhar a missão para que fui chamado e para o que me não falta a vontade de bem cumprir.

Todos os assistentes apresentaram, seguidamente, cumprimentos aos antigo e actual directores das Oficinas de S. José — dois sacerdotes que, pelos seus muitos merecimentos, sempre se têm sabido impor à estima e consideração dos seus conterrâneos.

O Campo da Feira — assim é por todos conhecido o espaço Largo da República do Brasil — está deitado muito ao abandono.

O seu Jardim está deveras despresado, metendo dó semelhante estado de coisas. Daquele Largo se pode fazer, com pouco dispêndio, uma obra que imponha quem a realize e que se vem impondo como uma necessidade na nossa terra.

Tal como está, o Campo da Feira não deve continuar. Nem é Jardim, nem é Largo. E' simplesmente um terreno grande, poeirento, que reclama os olhares do Município para que dele se faça e que se pode fazer — uma artéria bonita para Guimarães.

E por que não?

O Campo da Feira

O seu Jardim está deveras despresado, metendo dó semelhante estado de coisas.

Daquele Largo se pode fazer, com pouco dispêndio, uma obra que imponha quem a realize e que se vem impondo como uma necessidade na nossa terra.

Tal como está, o Campo da Feira não deve continuar. Nem é Jardim, nem é Largo. E' simplesmente um terreno grande, poeirento, que reclama os olhares do Município para que dele se faça e que se pode fazer — uma artéria bonita para Guimarães.

E por que não?

Estação do Caminho de Ferro

A nossa Estação do Caminho de Ferro está a passar por uma transformação, apresentando já um melhor aspecto.

E' justo, pois, que louvemos a Companhia Portuguesa, que assim vem atendendo aos justos pedidos que se lhe dirigem, solucionando necessidades e reparando faltas.

Já muito tem lucrado a nossa terra com a orientação que está sendo seguida pelos Directores da Companhia.

Se todos pensassem da mesma forma e tivessem, assim, em atenção que a nossa terra, devido à sua importância e movimento, tem incontestável direito a ser melhor tratada, já há muito não existiria nem a carroça nem o lazarento animal que a puxa na condução das malas do correio.

Dr. Correia da Costa

O nosso illustre Colaborador Dr. Joaquim Correia da Costa acaba de ser nomeado Cônsul de Portugal em Dakar.

Cumprimentando-o, felicitamos sinceramente o querido amigo.

Passa-se Mercearia, perto do centro da cidade, com bastante clientela. Informa-se nesta Redacção.

No MEU

CANTINHO

Quando em 1 de Fevereiro cumprimentei fugidamente a «Junta de Província do Douro-Litoral» e o seu eminente Obreiro Augusto César Pires de Lima, estava eu longe de imaginar que ao primeiro volume de 216 páginas de *ESTUDOS Etnográficos, Filológicos e Históricos*, viria a seguir-se tão depressa o segundo de 332 páginas.

Em ambos o incansável Professor demonstra haver belamente assimilado (assimilado, meu Compositor!) o Acordo vigente.

A Junta e o Publicista fazem um consórcio de maravilha. Merecem Ambos parabéns sinceros. Sinceros e mais que justos.

Foi o nosso Manuel da Porta da Vila que me levou a adquirir o grosso volume *PÁTIMA à Luz da História*.

Como não sou festeiro de força, logo me agarrei ao interessante e simpático trabalho de Costa Brochado.

Quanto mais lia, mais me comprazia.

Ao fim apus singelamente: — Chama-se isto trabalhar! Mas trabalho de arrasar!

Quando o *Comércio do Porto* de 19 e o *Diário do Minho* de 21 fizeram as suas apreciações ao precioso tomo, mediu reflectidamente a força dos dois Críticos que se colocavam cada qual no seu variegado posto.

Mais outra do Manuel. Tentou-me com os *Problemas da Análise Literária*.

O belo critério e a perfeita revisão de F. Costa Marques deram-me horas de delícia até ao último quarto do livro.

Quando vi «O estatuario» numa tentativa de deformação perturbadora, desorientei-me.

Até «O Bispo Negro» me agradou menos, pelo estado de desânimo em que me vi. Mas não me arrependi da aquisição.

Não foi pulha do Amigo.

6.

Corrida de Toiros

No últimos dias da semana finda tiveram muita procura os bilhetes para a sensacional Corrida de Toiros, que hoje se efectua na nossa Praça, e que promete registrar grande afluência de pessoas.

A Corrida inicia-se às 17 horas e será abrilhantada pela Banda dos B. Voluntários.

O estimado empresário, Sr. José Rodrigues Trindade, não se poupou a esforços nem a despesas para que a corrida de hoje fosse dotada de muitos atractivos, tendo contratado, para esse fim, consagrados Artistas, que por certo vão ser na tarde deste dia muito aclamados.

FESTA DE SANTO ANTONINO

Conforme noticiámos, realiza-se, hoje, no monte do mesmo nome, a tradicional Romaria de Santo Antonino, devendo as solenidades religiosas, com missa cantada e sermão por um distinto orador sacro, iniciar-se às 11 horas.

No final realizar-se-á, em pitoresco lugar no cimo do monte, um tradicional e animado pic-nic, oferecido pela respeitável família Lopes Martins a alguns seus convidados e durante a tarde bazar de prendas e arraial com música e abundante fogo do ar.

Na abertura da CAÇA

No primeiro dia de caça, 1 de Setembro, vários grupos de devotos de Santo Huberto espalharam-se pelos campos em busca das codornizes, única espécie a que a lei para já permite dar caça, procurando fazer o *gosto ao dedo*...

Mas parece que não foram muito felizes, pois as codornizes ou não se mostraram ou então *bateram a asa* antes de serem importunadas pelo chumbo das espingardas.

Foi pelo menos isso o que aconteceu a um grupo com tradições cinegéticas, constituído por cinco conhecidos caçadores.

Um dos componentes do grupo, o Araújo, que com o M. R. representavam a cidade, descoroado e para não *passar em branco* acabou por atirar a um arisco coelho manso, do caçador da Quinta do Togado, lugar recolhido para a pantagruélica *mamada* que corrou a *infeliz* digressão *codornizíaca*. Quando ali chegámos com outros parceiros, para apreciarmos a caçada e saborearmos o repasto — e que repasto! — já o diligente «Festeirinho», tinha mandado pôr a mesa à sombra de frondoso ameixeiro, vendendo o local — podia lá deixar de ser — muito limpo e engalanado com garrido festão. Todos abancados, e enquanto se esperava por um prato especial de peixe que nunca mais chegava, por ter sido confeccionado nas proximidades do Castelo de Guimarães — a uma quilómetros, portanto — os caçadores e os seus admiradores caíram a fundo no farnel do A. de S. Romão, constituído por magníficos *bolinhos*, e aquilo foi um ar que lhe deu... Entretanto, como o peixe continuasse ausente, unanimemente se decidiu meter dente num avantajado cabrito assado, temperado à moda *imperial*... Antes, porém, de se entrar nessa função, o amigo Araújo, um dos instituidores daquela *caçada-comilona*, evocou a pessoa do Sr. Gaspar Lopes Martins, ausente no Brasil, grande animador daquela festa em anos transactos, e que mesmo de longe a ela não quis deixar de se associar em espírito. Depois... foi um nunca mais acabar de dar ao queixo, com frequentes *regadelas*, operação proficientemente dirigida pelo «Festeirinho», que afirmava: «*stá resquinho... 'stá fresquinho!* E é que estava mesmo.

A tarde começou a avançar, e os caçadores nunca mais pensaram nas codornizes — que parece nem chegaram a ver. Enquanto alguns dos convivas foram *repousar*, outros jogavam o chinquillo e conversavam. Ia a tarde em meio quando chegaram novos componentes da *malta*, que se tinham atrasado. Vinham, porém, prevenidos para o que desse e viesse: traziam novo cabrito, oriundo de Rezende, muito loiro e tenro. Houve manifestação ao *lindo bicho*, estoiçando alguns dos foguetes que o «Festeirinho» encomendara ao Gira. Este *salta-paredes*, porém, teve mais sorte que o primeiro, pois só acabou de ser devorado já noite cerrada à luz da candeia e com a ajuda de novos *comilões* que ali compareceram, sem prévio convite, ao entardecer.

Estoiro do par de bonecos de fogo que ali aguardava essa sorte, começou a debandada dos mais idosos. Os outros ainda ficaram, como que a quererem prolongar mais e mais aquele fraterno convívio de um dia passado longe do bulício da cidade, no cenário saudável e alegre da quinta de Togado, em S. Torcato, e a que deu motivo uma caçada... sem caça.

Um que viu.

O Sorteio Monumental do PAVILHÃO BOÊMIA

No Sorteio Monumental realizado no Pavilhão Boémia, que esteve instalado no Largo da República do Brasil, no dia 10 de Agosto, foram premiados os números seguintes: 8677, 1184, 4632, 3081, 781, 3615, 7908, 6168, 6275, 9204, 8300, 1123, 2898, 6696, 1286, 9165, 2961, 9126, 2201, 1921, 867, 9797, 2140, 9096, 7930, 5728, 2775, 3904, 6603 e 4526. Estando alguns destes prémios ainda por entregar, se-lo-ão até ao dia 10 do corrente, pelo Tesoureiro da Comissão das Festas da Cidade, Sr. Rodrigo Fernandes Abreu, a quem o proprietário do Pavilhão Boémia de tal encarregou. Passado aquele dia e de conformidade com o que está estabelecido, nenhuma das pessoas premiadas terá direito a reclamar os prémios que lhe tenham cabido.

Representações

Prende pessoa de 35 anos de idade, conhecedor da praça de Lisboa, tanto no retalho como nos armazéns, trabalhando há 20 anos com uma importante casa comercial.

Para trabalhar com malhas, meias, peigas, algodões, atoadados, camisaria, cutelarias e sapataria.

Dão-se todas as referências. Resposta a H. S. Carvalho, rua do Sol, a Graça, 69-2.º-D. — Lisboa. 964

COMPRA-SE uma espingarda de 2 canos, calibre 20, mona. Informa-se nesta Redacção.

966

A. L. de Carvalho.

Penumbras

Continuação da 1.ª página

aproximadamente pelos hábitos certos e iterativos do irmão que sucediam com extraordinária regularidade quase com sincronismo nictemeral. Desde o nascimento, que foi a ferros, até a puberdade, Ricardo nunca mais saiu das mãos dos médicos, seguindo a par e passo todos os progressos da medicina e da farmacopeia, ingerindo desde o repugnante mas benéfico óleo de fígado de bacalhau até às mais agradáveis e gulosas manipulações de tónicos e vitaminas. Apesar disso nunca teve vontade de comer e durante a infância as suas refeições foram sempre acompanhadas de um verdadeiro ritual complicado, meio cómico, meio dramático para entreter e estimular o seu apetite caprichoso. Cada refeição tinha o seu cerimonial próprio, a sua encenação e até a sua letra e música adequadas. Só assim é que conseguiram vingar tão frágil vergonha que parecia por vezes condenada a espontânea inanição.

Era, por isso, de constituição tão fraca que ele agora às vezes com desespero exagerava pateticamente diante do espelho, sumindo o peito, chapando as faces magras e amortecendo o olhar num remirar melancólico e inquieto. Em compensação possuía um espírito forte, como costumava dizer e de que se ufava, procurando robustecê-lo o melhor possível por todos os meios ao seu alcance.

Achava porém que a melhor e mais útil instrução é a que adquirimos por experimentação directa e a que provém através daquilo que observamos e descobrimos por nós próprios. Procurava com afã a leitura de livros afamados que raramente concluía; folheando-os primeiro com desconfiança e ali períodos soltos e raríssimas vezes passava disso.

Tinha cinco ou seis livros que nunca largava, que lia e consultava constantemente. Esses é que constituíam os alicerces dos seus conhecimentos e o alimento do seu espírito. Só muito excepcionalmente lia um livro até ao fim e nisso era como Spencer: A demasiada leitura pode gerar a sugestão do espírito a mil e uma opiniões alheias muitas vezes disparatadas, sobrecarregar a memória e atrofiar a melhor qualidade da razão humana: a inteligência criadora. Ex-tasiava-se em profunda contemplação da natureza tentando soltar o melhor possível esse livro imenso onde a verdade palpitava na espontânea unidade das suas partes constituintes. Era preciso extrai-la em toda a sua pureza, interpretá-la e dar-lhe uma linguagem.

Dizia muitas vezes que o último fim do homem é pensar e que a principal fonte do progresso humano é a linguagem verbal. Por isso rematava como Voltaire: «minha função é dizer o que penso».

Censurava ásperamente Kante por não ter dito tudo o que pensava, traindo conscientemente o seu destino humano.

Passava horas esquecidas construindo complicados sistemas filosóficos condenados à eterna imobilidade da sua secretária ou à esterilidade curiosa dos olhos de sua irmã. Por vezes, de punhos cerrados, invectivava um inimigo oculto como necessidade periódica de descarga de tensão interior e de lógica revolta contra tudo o que achava errado. O homem à força de olhar para dentro de si mesmo à maneira de Platão criou um mundo imaginário e ilusório e achava que já era tempo de começarmos a acreditar somente naquilo que podemos observar.

Waten em vez de Platão. Dizia que havia muito que destruir e só alguma coisa que construir, pois os homens parecem acreditar mais facilmente naquilo que é afirmado e garantido pelos outros sem provas nenhuma que naquilo que eles próprios podem observar com provas, ou como disse Crookshank: «é mais fácil ignorar o que pode ser observado que renunciar ao que foi afirmado». Que o caminho da verdade era mais através do erro que do desconhecido para o conhecido.

Ricardo era como um velho precoce, com o corpo atrofiado pela doença e a alma atormentada pela dúvida. A sua face cadavérica de pele seca tostada tinha sulcos profundos e escuros como valetas escavadas por tempestades da sua intensa e agitada vida anterior. Os olhos pequenos e profundos de brilho penetrante ou tinham a imobilidade estática dos contemplativos quando analisava profundamente ou a amarelo objectiva dos introspectivos quando fazia as suas complicadas abstracções de síntese. Os lábios decorados, finos, repuchados na comisura pelo aperguinhamento da pele, davam a permanente impressão de raiva mal contida.

Tinha o aspecto tempestuoso do mar revolvente sinistramente a superfície dum lago límpido e profundo. Os seus pensamentos irrompiam-lhe da boca como lava escaldante através da cratera de um vulcão e as palavras que tinham ressonâncias de vaso rachado faziam vibrar o seu decarnado arcabouço como se das profundezas do seu ser saíssem verdadeiras capazes de fazer abalar os seus próprios alicerces.

Até mesmo o seu alongado nariz de sábio com uma exagerada proeminência óssea e exuberância musgosa dos pelos das narinas que coifavam e tufavam um bigodito negro truncado, quase reduzido ao filtro nasal, tinha diabólicos e antipáticos voos no palpitir das suas asas de transparên-

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 31 de Agosto o nosso prezado amigo Sr. António Urgez dos Santos Simões; no dia 7 do corrente, a sr.ª D. Amélia da Costa Guise, filha do nosso bom amigo sr. Manuel de Sousa Guise e os nossos prezados amigos sr. Alfredo Guimarães, Director do Museu Alberto Sampaio, Alberto Maria Leite e Eduardo Pizarro de Almeida e o menino Alberto Carlos filho do nosso amigo sr. Manuel Teixeira de Freitas e da sr.ª D. Maria Augusta Mendes de Carvalho; no dia 8 o menino Jorge José, filho do nosso estimado correspondente em Vizela sr. José Luis de Almeida e os nossos bons amigos sr. Manuel Fernandes Porto, proprietário em Infias e Manuel Fernandes; no dia 10 os nossos prezados amigos sr. Torcato Mendes Simões, nosso distinto colaborador, e Gonçalo Bourbon do Amaral; no dia 19 a sr.ª D. Ermelinda Angélica de Almeida; no dia 12 a sr.ª D. Georgina Barros e Silva, esposa do nosso amigo sr. Alvaro da Silva Martins e a sr.ª D. Regina Guise, esposa do nosso bom amigo sr. J. Severo de Sousa Guise, ausente no Rio de Janeiro.

«Notícias de Guimarães», apresentadas os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Partem amanhã para Vigo em passeio a Ex.ª Sr.ª D. Adilina de Sousa Guise e suas gentis filhas Mademoiselles Adelina e Vera de Sousa Guise.

Encontram-se a veranear na Póvoa de Varzim as famílias dos nossos prezados amigos sr. Américo Alves Ferreira e João Xavier de Carvalho.

Com sua esposa partiu para Monsul o nosso prezado amigo sr. Manuel da Costa Pedrosa.

Com sua família tem estado em Caldas de Monchique o nosso bom

amigo sr. Pedro Duarte Saúde, de Beja.

Da praia de Ofir regressou ao Porto com sua esposa o nosso prezado amigo Sr. Comendador Artur Cuperlino de Miranda.

Com sua família regressou de Chaves o nosso bom amigo sr. Anibal Dias Pereira.

Com suas famílias regressaram da Póvoa de Varzim os nossos bons amigos sr. Tenente Alvaro Martins de Campos, Joaquim da Silva Xavier, Alexandrino Costa, Manuel Alves de Oliveira, António José Pereira Rodrigues, Fernando Setas, José Maria Pacheco Rodrigues, José Machado Vaz, José Maria Félix Pereira, Dr. Manuel Jesus de Sousa, Luis Mendes Lopes Cardoso, Dr. Joaquim de Oliveira Torres, Manuel C. Martins e Dr. Sebastião Lobo Cardoso de Menezes.

Com sua esposa e filhos regressou a Lisboa, após uma temporada passada na Estância da Penha, o nosso querido amigo sr. Francisco Vilarinho, que teve a amabilidade de vir apresentar-nos as suas despedidas.

Encontram-se a veranear na mesma Estância de Repouso a esposa do nosso bom amigo sr. Américo da Cunha Mourão e o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Jacinto José Ribeiro.

Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim os nossos bons amigos sr. Luis Gonzaga F. de Carvalho, Manuel Joaquim Pereira de Carvalho, Francisco José Ribeiro e Arnaldo Trancoso Poças Falcão.

Com sua família regressou da Figueira da Foz a esta cidade, retornando a gerência do Banco Nacional Ultramarino, o nosso querido amigo sr. Leonardo Martins Ribeiro.

Da Póvoa de Varzim regressou o nosso prezado amigo sr. Altino da Cunha Guimarães e sua família.

Regressou de Vila do Conde, com sua família, o ilustre Presidente da Câmara e nosso prezado amigo, sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha.

Vimos nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Luis de Oliveira Barros, do Porto.

Com suas famílias regressaram da Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos e distintos clínicos sr. Drs. João António de Almeida e João Afonso de Almeida.

Encontra-se na mesma Praia a família do nosso bom amigo sr. Joaquim António da Cunha Machado.

A uso de águas encontra-se no Vidago o nosso prezado amigo sr. Damiano de Sousa Oliveira, de Vizela.

De Barcelos regressou ao Porto o distinto Professor de Música e nosso prezado amigo sr. Eurico Tomaz de Lima.

Da Figueira da Foz, onde esteve a veranear com sua família, regressou a esta cidade e nosso prezado amigo sr. João Carvalho Guimarães Júnior.

Da Póvoa de Varzim regressou, com sua família, a Felgueiras, o nosso bom amigo sr. Alvaro da Cunha Oliveira.

Esteve nesta cidade, tendo já regressado a Lisboa, o nosso bom amigo sr. Alexandre Vilarinho.

Regressou da Póvoa de Varzim a sr.ª D. Maria da Luz Neves Ribeiro Soares.

Com sua esposa e filha mais nova e seu genro, sr. Dr. Oliveira e Silva, encontra-se nas suas propriedades de Briteiros o nosso ilustre confratão e amigo sr. Dr. António Baptista Leite de Faria.

Com sua esposa e sogra, D. Laura da Costa Antunes, encontra-se nas suas propriedades de Frazins o nosso bom amigo sr. Manuel Francisco Ribeiro, residente em Lisboa.

Com sua esposa regressou a Lisboa o nosso bom amigo sr. Joaquim Alberto César.

Da Póvoa de Varzim regressou à sua Casa de Aradela, S. Nicolau de Basto, com sua família, o nosso prezado amigo sr. Eng.º Adilino Soares Leite.

Com sua esposa tem estado a veranear na Curia o nosso bom amigo sr. Francisco Laranjeiro dos Reis.

Com sua família encontra-se a veranear em Espozende o nosso bom amigo sr. José Pinto de Almeida.

Partiu para a Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Armindo Maria Fernandes.

Tem estado em Caldas o nosso bom amigo sr. Eduardo Rodrigues Machado, de Lordelo.

Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Joaquim Hermenegildo da Cunha e Costa, residente em S. Mamede (Porto).

Com suas famílias partiram para as suas propriedades os nossos bons amigos sr. Domingos Mendes Fernandes e Camilo Laranjeiro dos Reis.

Encontra-se com sua família nas suas propriedades de Gémeos o nosso bom amigo sr. Domingos Pinto Martins, do Porto.

Com sua família encontra-se em Cepães, Fafe, o nosso bom amigo sr. Domingos Cosme Baptista Vieira.

Em gozo de férias partiu para Lisboa com sua esposa e filhinhos o nosso bom amigo sr. Joaquim Ferreira.

Encontra-se nesta cidade o nosso amigo e estimado empresário taurinmáquico, sr. José Rodrigues Trindade.

Partiram com suas famílias para a Póvoa de Varzim os nossos bons amigos sr. António Francisco Ribeiro e José Ramos Camião.

Regressaram com suas famílias da mesma Praia os nossos bons amigos sr. Paulino de Magalhães, Belmiro e Manuel Mendes de Oliveira, Alberto Teixeira Carneiro, António Vaz da Costa e Manuel Vaz da Costa Marques.

Encontra-se em Vizela o nosso prezado amigo sr. Eduardo A. Reis Guimarães.

Encontra-se nas suas propriedades de Santo Amaro o nosso prezado amigo sr. P.º José Ferreira Leite.

Com sua família regressou de Espinho o nosso prezado amigo sr. Alberto Vieira Braga.

Partiu para Fão com sua família o nosso bom amigo sr. António Lage Jordão.

Com sua família partiu para a Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Fernando Figueiredo.

Partiu para Tenões, Braga, com sua família, o nosso prezado amigo e distinto clínico, sr. Dr. João Fernandes de Freitas.

Tem passado incomodado o nosso prezado amigo sr. Dr. Augusto Monteiro Dias de Castro, médico municipal da Vila das Taipas.

Em quarto particular do Hospital da Misericórdia encontram-se em tratamento o nosso prezado amigo sr. Martinho Almada Azenha e sua esposa.

Na Póvoa de Varzim, onde se encontra, tem passado ligeiramente incomodado o nosso amigo sr. Augusto Mendes.

Vai melhor dos seus padecimentos a esposa do nosso prezado amigo sr. Gaspar Ferreira Paúl.

Também se encontra melhor dos seus incómodos a esposa do nosso bom amigo sr. Aristeu Pereira.

Desejamos a todos os doentes o mais breve e completo restabelecimento.

Doentes

Com a propecta idade de 98 anos, e na sua residência à rua 5 de Outubro, finou-se ontem, confortada com todos os Sacramentos, a Sr.ª D. Joaquina Emilia da Silva Fernandes, esposa do nosso amigo e estimado proprietário Sr. Francisco José Fernandes e tia do também nosso bom amigo Sr. Dr. Francisco Fernandes, médico em S. Torcato.

O seu funeral efectua-se amanhã, às 11 horas, no templo de N.ª S.ª da Oliveira.

Em suas disposições testamentárias a extinta contemplou as instituições de beneficência e várias corporações religiosas do concelho.

Ao Sr. Francisco José Fernandes e demais família dorida apresentamos condolências.

D. Rita da Costa Sequeira

No domingo, à tarde, efectuou-se, no Cemitério de Atouguia, o funeral da Sr.ª D. Rita da Costa Sequeira, esposa do nosso prezado amigo Sr. Francisco Sequeira Júnior, de Vizela, cujo passamento noticiámos.

Aos resposos fúnebres, celebração na capela, assistiram muitas pessoas de representação desta cidade e de Vizela, muitas das quais acompanharam o cadáver desde aquela vila.

A chave do caixão foi entregue ao distinto clínico Sr. Dr. Alfredo Peixoto, primo da extinta. Formaram-se alguns turnos, pegando às borlas pessoas de família.

Maria Ramos da Oliveira

Na sua residência, ao Campo do Salvador, finou-se, com 13 anos de idade, a menina Maria Ramos de Oliveira, filha do nosso amigo Sr. António de Oliveira, industrial.

O seu funeral efectuoou-se na terça-feira de manhã, no templo de N.ª S.ª da Oliveira, com a assistência de diversas pessoas, tendo o cadáver sido trasladado, em seguida, para o Cemitério de Atouguia.

Ao Sr. António de Oliveira e demais família dorida apresentamos condolências.

Por alma da Senhora Aninhas

Os estudantes velhos do nosso Liceu, que muito queriam à bondosa Senhora Aninhas, a quem tratavam e estimavam como a uma mãe, mandaram rezar, na quinta-feira, no templo da Misericórdia, uma missa por sua alma, em comemoração do trigéssimo dia do seu passamento.

O acto esteve muito concorrido, estando-se entre a assistência muitos estudantes velhos, pessoas de todas as posições sociais assim como professores do Liceu, alunos do mesmo estabelecimento de ensino, senhoras e a família da pranteada morta.

Foi celebrante o Rev. Fernando Porfírio de Almeida Ribeiro, antigo estudante do nosso Liceu.

D. Maria Fernanda de Castro Ferreira Mota

Esteve bastante concorrida a missa que a Mesa da Irmandade de Santo António, erecta na V. O. T. de S. Domingos, mandou celebrar, no altar do seu Padroeiro, na passada quinta-feira, em sufrágio da alma daquela inditosa senhora.

De luto

Pelo falecimento de uma sua irmã ocorrido recentemente em Castelo Bsanco, guarda luto o Sr. Dr. Euríolo Roseiro Caldeira Boavida, professor do Liceu de Martins Sarmento.

Teatro Jordão APRESENTA HOJE, às 15 e às 21,30 h.

Uma deliciosa comédia alemã

NÃO SE DEVE MENTIR

COM: ZARAH LEANDER, HANS STUWE, ROSSANO BRAZZI, etc.

Quarta-feira, 8, às 21,30 horas:

Vendaval de gargalhadas num delicioso espectáculo no mais formoso clube da Broadway!

COPACABANA

COM: CARMEN MIRANDA, GROUCHO MARX, GLORIA JEAN, etc.

Sexta-feira, 10, às 21,30 horas:

Uma obra prima de bom humor...

PERDOA O MEU PASSADO

COM: FRED MAC MURRAY, MARGUERITE CHAPMAN, RITA JOHNSON, etc.

FERRA & IRMÃOS, L.ª

JOALHEIROS FABRICANTES

Execução perfeita em jóias que fabricam

RUA DE CAMÕES, 28 GUIMARÃES TELEF. 4160 P. F.

END. TELEG. FERRA OS

ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS LENHAS

CASTRO & SEQUEIRA, L.ª

RUA DA PONTE DE SANTA LUZIA • GUIMARÃES

Diversas Notícias

Pedindo providências

Os moradores da Rua de S. Francisco, entregaram, ao Comando da P. S. P., uma exposição acerca dos desacatos que se praticam frequentemente naquela artéria da cidade, em que pedem sejam tomadas imediatas e energias providências. Têm muita razão os moradores da Rua de S. Francisco, pois, segundo nos consta, os conflitos dão-se muito amizade e tanto de dia como de noite, numa taberna que ali existe. Tudo isto se está passando a poucos metros de um Hospital, o da Ordem de S. Francisco. Ainda há dias se deu ali um desagradável espectáculo que se prolongou por bastante tempo, só tendo acalmado quando a policia, reclamada, compareceu no local.

Basta de abusos!

Nesta época do ano em que vários grupos excursionistas estão realizando os seus passeios por Terras de Portugal, é frequente ouvirem-se, à partida ou à chegada, salvas de morteiros. Acontece que algumas vezes — e isto mesmo sucedeu há dias — os foguetes estrelaram às 4 ou 5 horas da manhã, perturbando o sossego das pessoas que a essas horas descansam. Tal abuso não pode tolerar-se por mais tempo. Não deverá ser permitido o lançamento de foguetes, a propósito de tudo e de nada, a certas horas, visto que não vivemos em qualquer aldeia de Paio Pires.

Acidentes de trabalho

Quando o operário António Correia, de 32 anos, casado, natural de Fafe, estava serrando madeira na Oficina de Serração de José A. Miranda & C.ª, Lda., na Vila das Taipas, foi atingido por uma serra, motivo por que teve de recolher ao Hospital da Misericórdia, desta cidade, onde ficou internado. No mesmo estabelecimento hospitalar deu entrada Manuel da Silva, de 65 anos, carpinteiro, da freguesia de Corvite, deste concelho, mas residente na freguesia de Fermentões, por motivo de ter caído de uma obra da fábrica da firma Alberto Rodrigues de Figueiredo & Filhos, no Pevidém, sofrendo traumatismo accidental, por queda, que lhe determinou a fractura da base do crâneo, tendo falecido pouco depois.

Escola Industrial e Comercial de Guimarães

Termina no próximo dia 8 do corte a matrícula dos alunos nos cursos de fiandeiro, tecelão mecânico, caneteiro, serralheiro, comércio e costura e bordados.

Festa de confraternização

Os proprietários da Fábrica de Pentes do «Ribeirinho», com sede no lugar da Arcela, desta cidade, para solenizar a passagem de mais um aniversário da sua fundação, ofe-

receu aos seus operários, na Penha, um almoço de confraternização, que nos dizem ter decorrido animado.

Farmácias de Serviço

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao L. do Toural.

Conselho Municipal

De harmonia com o § 3.º do Art.º 29.º do Código Administrativo, reúne, no dia 14 de Setembro pelas 14 horas, na sala das Sessões da Câmara Municipal, o Conselho Municipal a-fim de ser discutido o plano de actividade e bases do orçamento ordinário para o próximo ano de 1949.

Vida Católica

N.ª S.ª da Guia e Senhor da Agonia — No dia 8 realiza-se na típica capelinha de Nossa Senhora da Guia uma festividade em honra da Padroeira.

E assim, às 9 horas, haverá missa solene; às 18, Exposição, Sermão por um distinto orador, Te-Deum e Bênção do SS.º.

Durante o dia estará a capelinha aberta à veneração dos fiéis. No dia 7, à noite, será vistosamente iluminada a frontaria do templo.

No dia 21 do corrente realiza-se, no mesmo templo, a festividade anual do Senhor da Agonia.

Contribuições

Tendo a Direcção do Grémio do Comércio procedido à nomeação dos delegados para as Comissões de Fixação da Contribuição Industrial de Reclamações, Grupo C — mercador, que terão de fixar os rendimentos tributáveis para o ano de 1949, verificou-se o seguinte resultado:

I.º Grupo — Viveres e Combustíveis — Delegado de fixação — António da Silva Castro; Comissão de Reclamações: — Amadeu José de Carvalho e Manuel da Assunção Ferreira Júnior.

II.º Grupo — Vestuário e Calçado — Delegado de Fixação — Casimiro Martins Fernandes. Comissão de Reclamações: — Eduardo Pereira dos Santos e Benjamim Constante da Costa Matos.

III.º Grupo — Ferragens, Drogas e Louças — Delegado de Fixação: — Almerio de Oliveira Martins. Comissão de Reclamações: — Aurélio Fernandes de Matos e José de Freitas Neves.

IV.º Grupo — Papelaria, Tabacaria e Livraria — Delegado de Fixação — Pedro da Silva Freitas. Comissão de Reclamações: — Luis de Oliveira Bastos e Aristides de Barros Ferreira.

Cadela coelheira — PERDEU-SE. — Dá pelo nome de traquina, cor amarela com malhas brancas. Gratifica-se quem a entregar em casa de Manuel Cardoso do Vale, na Av. Conde de Margarride, assim como se procede, a todo o tempo, contra quem a retiver. 963

Continua.

I. V. C.

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 20 de Agosto de 1948

Sob a presidência do Ex.^{mo} Provedor, Senhor Mário de Sousa Menezes, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Pelo Senhor Provedor foi comunicado que esteve nesta cidade o Ex.^{mo} Sr. Dr. Lúcio Marques de Sousa, Advogado desta Santa Casa no Rio de Janeiro, com quem conferenciou e informou sobre o estado em que se encontram as acções pendentes, nos tribunais brasileiros, referentes aos legados dos benfeitores Pedro Duarte Guimarães e António Maria Guimarães.

S. Ex.^a entregou uma cópia das alegações ultimamente apresentadas no caso da acção da Ex.^{ma} Senhora D. Maria dos Santos Guimarães, alegações que foram lidas e devidamente apreciadas nesta sessão.

— Foi lido um officio do Sr. Director Clínico de seguinte teor:

«Em resposta ao officio de V. Ex.^a de 7 do corrente mês de Agosto cumpre-me dar a seguinte informação: que não julgo necessário criar nesta casa o serviço médico permanente, pois muito poucos são os casos de requisição urgente; todavia nos dias das Feitas Gualterianas, ou em outras festas de grande concorrência que por ventura aqui se realizem, poderá nesses dias criar-se o serviço médico permanente, que será dividido, por horas, pelos médicos que aqui prestam serviços».

— A fim de dar cumprimento a uma disposição legal, a Mesa, depois de ouvido o Ex.^{mo} Director Clínico, resolveu manter no próximo ano a tabela precária dos serviços médico-cirúrgicos; quanto à tabela da diária hospitalar, entendeu a Mesa não alterar a que se encontra actualmente em vigor.

— Foi apresentado um officio da Misericórdia de Vizela, sendo deliberado convocar oportunamente a Assembleia Geral dos Irmãos desta Santa Casa, para, de acordo com esta Mesa e com o Ex.^{mo} Advogado se deliberar definitivamente sobre o assunto.

— Foi deferido um requerimento apresentado pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Alfredo Maurício de Freitas Bravo, médico-director do Gabinete de Estomatologia do Hospital Geral de Santo António, solicitando autorização para se ausentar de 1 a 30 de Setembro.

— Em virtude de se ausentar temporariamente o Senhor Provedor, até ao fim de Agosto ficará a fazer suas vezes o Ex.^{mo} Vice-Provedor — Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves, que pediu licença para se ausentar durante o mês de Setembro, e no mês de Setembro o Secretário Sr. Manuel Alves de Oliveira, substituirá a ausência dos dois.

— Pelo Sr. Tesoureiro foi apresentado o balancete do 2º trimestre, que foi aprovado.

— Verificou-se estarem cumpridos todos os legados.

Finalmente foram tratados outros assuntos de interesse para esta Santa Casa.

PERDEU-SE

No dia 26 da corrente um relógio de pulso marca "Said", desde S. João de Ponte até esta cidade.

Pede-se à pessoa que o encontrou o favor de o entregar nesta Redacção ou ao Sr. Joaquim Martins, guarda-nocturno da Fábrica do Ferro, Fafe.

Empregado para Escritório

Oferece-se, com o curso comercial, estando empregado. Tem conhecimentos de contabilidade comercial e escrevendo à máquina.

CASA — Aluga-se

A 10 minutos da Estação de Covas, com cozinha e quatro divisões. Boa situação e estrada à porta. Telefonar para o n.º 4293.

MATAR SAUDADES

VII

Aqui há anos, mordido pela perigosa tarântula da má língua, comecei num jornal da provincia a escrever coisas sobre Guimarães. E toquei então várias teclas, desde a do bairrismo incarnado nas Gualterianas e no hino da cidade, que tanto aprás trautear, até à da Colegiada. Sim, também toquei a tecla da Colegiada; e, embora seja péssimo músico, pois não conheço as colcheias e as semi-colcheias, nem as fusas e semi-fusas, o facto é que esse meu artigo sobre a Colegiada de Guimarães deu brado. E tanto brado deu que a breve trecho recebi ordens

COLÉGIO DE S. GERALDO

(Sexo Masculino)

B R A G A

As matrículas têm lugar de 1 a 15 de Setembro, para efeito de organização das turmas e distribuição de serviço aos professores, de modo a estar tudo preparado na data da abertura das aulas, conforme as novas determinações legais, pelo que devem os interessados pôr-se em contacto, dentro do prazo indicado, com a Direcção do Colégio, que prestará os esclarecimentos necessários.

A admissão de alunos depois dessa data ficará dependente de vaga.

Aos alunos do ano passado, será enviado um boletim do Colégio, para renovação de inscrição.

EDITAL

Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, Vice-Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães, em exercício:

Faz público, para os devidos e legais efeitos e em face do solicitado pelo Ex.^{mo} Senhor Sub-Delegado de Saúde desta cidade, que todos os possuidores de pocilgas, canis e demais estabelecimentos a que se refere a Portaria n.º 6.053, existentes dentro da área da cidade e Vilas de Vizela e Taipas, têm de requerer o respectivo alvará, nos termos do referido diploma, sob pena da aplicação das sanções legais na mesma prescritas.

E para constar se passou este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Guimarães e Paços do Concelho, 28 de Agosto de 1948.

O Vice-Presidente da Câmara, em exercício,

Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

CONVOCAÇÃO

Conselho Municipal

O Vice-Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, em exercício, tem a honra de convocar os Ex.^{mos} Conselheiros Municipais, deste concelho, para a sessão ordinária que, para o efeito do disposto no § 3.º do art.º 29.º do Código Administrativo, se realiza no dia 14 do próximo mês de Setembro, pelas 15 horas, na Sala das Sessões desta Câmara Municipal.

Paços do Concelho de Guimarães, 27 de Agosto de 1948.

O Vice-Presidente da Câmara Municipal,

Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

Sociedade Industrial de Raione, L. da

Fábrica de Sedas

RUA HONÓRIO DE LIMA, 410 — TELEFONE 8533/8933

PORTO

Comunica que tendo instalado uma nova máquina «Encoladeira», pode, a partir desta data, executar a encolagem de teias estreitas e largas. Executa ainda todos os serviços de preparação de tecelagem.

SOCIEDADE ÓLEOS INDUSTRIAIS, L. DA

PRODUTOS QUÍMICOS PARA AS INDÚSTRIAS TEXTEIS E CURTUMES

Armazém: Largo Cónego José Maria Gomes, 39

Escritório: Rua de Camões, 28

GUIMARÃES

EDITAL

Grave acidente de viação

Quando a camionete de carga N.º M II 41-71 pertencente a António da Silva, residente em Cruz Velha, Santo Adrião-Famalicao, se dirigia daquela vila a esta cidade, conduzida por Manuel da Rocha, residente em Creixomil, deste concelho, transportando um carregamento de sardinha, na ocasião em que voltava à esquerda, para entrar na estrada de Brito, foi embatida pelo automóvel N.º T M 11-13, que seguindo na sua rectaguarda, fez ultrapassagem naquela bifurcação quando a camionete já se encontrava a mudar de direcção.

Do embate resultou a camionete ir parar a um campo contíguo à estrada, depois de partir duas placas de sinalização de estradas, ficando com algumas avarias.

O motorista, causador do acidente, segundo informação de pessoas que o presenciaram, pôs-se em fuga, sem averiguar se havia feridos, ignorando-se por isso a sua identidade.

A P. V. T. tomou conta desta ocorrência.

Padaria—passa-se. da com margarico. Informa esta Redacção.

O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.

terminantes de um colega altamente colocado, para não tornar a dedilhar essa tecla.

Quero dizer: o artigo caiu bem no ânimo dos amigos da Colegiada de Guimarães. Nele só dizia a verdade. E como o assunto é dos que nunca podem passar a segunda plana, voltarei com licença de todos a essa vaca fria...

A Colegiada de Guimarães, quando deixou de exercer a sua gloriosa actividade, já tinha pergaminhos, e que pergaminhos! Não conheci os seus Cónegos de outras eras, nem sequer pude conhecer o Dom Prior Manuel de Albuquerque e o Sr. Cónego José Maria Gomes. Os poucos que conheci servem-me e bastam-me para aquilatar do excepcional papel de relevo desempenhado pela prestante agremiação. E' que os Cónegos de Guimarães não eram figu-

ras decorativas que em certas horas se congregavam para dizer a Missa do coro e cantar em sentida toada o Officio divino: eles eram todos professores, e distintos professores.

Com os que havia, quando cheguei a Guimarães, travei desde logo conhecimento. Alguns chegaram mesmo a ter comigo boas relações de afecto e intimidade: com dois raras vezes falei, porque se não ofereceu ocasião.

Não quero falar do único agora vivo, o Sr. Cónego Vasconcelos, alma de eleição, coração cheio de bondade, em quem os anos pareciam não pesar. Ainda há dias o vi numa reunião em Braga, sempre o mesmo para todos, lhano, franco, prestadio...

Dos mortos lembra-me com saudade o Sr. Cónego Sanches, a simplicidade personificada, sábio que parecia uma criança

Auto-Liz

Lavagens • Lubrificações • Gasolina • Oleos • Pneus Mecânica Geral • Pintura • Bate-Chapas, etc.

RECOLHAS

Avenida D. João IV (ao Campo da Feira) Guimarães

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicilio.



Casa fundada em 1888

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Area coberta: 8.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

GARAGEM SOARES

ESTAÇÃO DE SERVIÇO — ELEVADOR DUPLO

Recolhas - Lavagens - Lubrificações Cargas de baterias e reparações de automóveis

AVENIDA CONDE DE MARGARIDE

TELEFONE, 4458

GUIMARÃES

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

Largo do Totral, 70 a 73 — Telefons, 4306 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCERIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Plano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Lêde e assinal o «Noticias de Guimarães»

alcançar o que desejava. Pouco depois retirei para Braga, e não tardou muito que ele falecesse.

Também não tive relações demoradas com o Sr. Cónego Aarão. Fui várias vezes a sua casa, porque logo de princípio fui apresentado a seu pai, e como este vendia fazendas, e eu vinha da Itália muito desfalcado de roupas, foi lá que, por indicação de um amigo da rua de S. Dâmaso, comprei fazenda para uma batina que ainda hoje conservo, muito velhinha e remendada. Tem graça a circunstância de serem daquele largo e da rua de S. Dâmaso muitos dos meus conhecimentos, desde o Sr. Dr. Gilberto até ao chapeleiro que tinha loja junto às escadinhas que davam para a rua Egas Moniz.

Mas indo várias vezes, até muitas vezes, àquela loja de

fazendas, nunca lá vi nem entrei o Sr. Cónego Aarão. E' que já nessa altura ele sofria de uma doença mental que, segundo creio, era benigna e nunca atingiu singular acuidade. Era fruto natural dessa doença o seu gesto da Oliveira, a que fiz referência, sem querer nem por sombras apocar o talento e as boas qualidades do malogrado Capitular da famosa Colegiada de Guimarães. Para podermos de seguro afirmar que o Cónego Aarão era alguém, bastaria dizer que ele se formou em Coimbra, cuja Faculdade de Teologia, uma das mais cotadas da Europa, não admitia no seu grémio *ones et bones*, nem conferia títulos e diplomas a esmo, mas só ao verdadeiro talento e ao verdadeiro mérito.

Lêde e propage o «Noticias de Guimarães»